

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REALIZADOR CONVIDADO: BORIS LEHMAN  
15 de dezembro de 2023

## MASQUE / 1987

um filme de Boris Lehman

**Realização:** Boris Lehman / **Com:** Boris Lehman / **Cópia:** 16mm, colorida, sem som, 9 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

## LA DERNIÈRE (S)CÈNE : L'ÉVANGILE SELON ST. BORIS / 1995-2003

um filme de Boris Lehman

**Realização:** Boris Lehman / **Imagem:** Antoine-Marie Meert / **Som:** Catherine Montondo, Bernard Declercq / **Montagem:** Daniel De Valck, Ariane Mellet / **Misturas:** Antoine Guében / **Com:** Vincent Tavier, André Colinet, Roger Berguet, Philippe Woitchik, Basile Sallustio, Édouard Higué, Manuel Poutte, Cláudio Paziência, Boris Lehman, Laurent d'Ursel, Pierre Mollet, Frédéric Lammerand e Lucas Messens / **Produção:** Dovfilm e Fundação Boris Lehman / **Cópia:** 16mm, colorida, 14 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

## L'IMAGE ET LE MONDE / 1999

um filme de Boris Lehman

**Realização:** Boris Lehman / **Imagem:** Antoine-Marie Meert / **Com:** Boris Lehman / **Cópia:** 16mm, colorida, muda, 4 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

## CHOSSES QUI ME RATTACHENT AUX ÊTRES / 2010

um filme de Boris Lehman

**Realização:** Boris Lehman / **Imagem:** Antoine-Marie Meert / **Som:** Jacques Dapoz / **Montagem:** Ariane Mellet, Juliette Achard / **Misturas:** Félix Blume / **Com:** Boris Lehman / **Cópia:** 16mm, colorida, 15 minutos / **Estreia:** fevereiro de 2010, no Fórum da Berlinale / Primeira exibição na Cinemateca

## L'HOMME DE TERRE / 1989

um filme de Boris Lehman

**Realização e Argumento:** Boris Lehman / **Imagem:** Antoine-Marie Meert / **Som:** Henri Morelle, Bruno Tarrière / **Texto:** Raul Ruiz / **Montagem:** Daniel De Valck / **Misturas:** Antoine Bonfanti / **Voz:** Michael Lonsdale / **Com:** Boris Lehman (o modelo), Paulus Brun (o escultor), e a participação de: Michel Bélanger, Ning Ho Chang, Alfons de Brouwer, Charlie Degotte, Guy de Potter, Yvan Drion, Gérald Fenerberg, Cécile Henry, Jules Imberechts, Vincent Jakubowicz, Eskeline Kullberg, Renelde Liégeois, Eric Pinon, Jean-Louis Sbille, François Van Eekhout / **Produção:** Boris Lehman / **Co-produção:** Wallonie Image Production, Atelier des Jeunes Cinéastes / **Cópia:** 16mm, colorida, 38 minutos

*Duração total da projeção: 82 minutos*  
Com a presença de Boris Lehman e Saguenail

---

Em *A comme Adrienne*, filme que veremos na próxima quarta-feira, Boris Lehman diz “só faço um *take*”. É uma boa introdução para os filmes que compõem esta sessão que, à excepção do último, seguem do princípio ao fim uma só acção. Em *Masque*, um plano fixo, interrompido apenas pelo terminar das bobines, acompanha a construção de uma máscara da cara de Boris Lehman. Em *La Dernière (s)cène*, feito em poucas horas, uma mesa é colocada em frente a uma demolição em curso onde Boris Lehman e doze amigos encenam uma última ceia antes de os edifícios serem destruídos por completo. Em *L’image et le monde* um globo terrestre de plástico transparente é esvaziado com a ajuda do peso do corpo de Boris Lehman até acabar espalmado no chão – todo o tempo do desaparecimento do globo é acompanhado inteiro, outra vez. Em *Choses qui me rattachent aux êtres*, cada plano é a apresentação de um objecto que Boris Lehman identifica com o nome da pessoa a quem pertence. E mesmo que *L’homme de terre* cruze a construção da estátua de barro em tamanho natural de Boris Lehman com excertos do *Der Golem* (filme de 1920 de Paul Wegener e Carl Boese), um texto de Raul Ruiz e pequenas encenações, é ainda esse gesto – o de retirar (à força) uma forma de uma massa de barro informe – que o filme segue. Todos os filmes se organizam a partir de uma instalação – das coisas nos espaços, da câmara em frente às acções -, que a câmara – com o enquadramento e a duração do plano – transforma em cena, e que depois Boris Lehman performativamente ocupa.

A morte, e a iminência da destruição, são também linhas que costuram esta sessão. Em *Masque*, a máscara (funerária) de Boris Lehman é construída enquanto ele está vivo. O gesso que acaba por lhe cobrir a cara por completo, ou que lhe transforma a cara numa papa informe, exige encontrar uma maneira para que ele continue a respirar (e não morra). Em *La dernière (s)cène* diz “vou morrer”, e depois repete, ao lado dos seus amigos e discípulos, “vou morrer”. Atrás, máquinas destroem prédios como se fossem feitos de papel e relembram a fragilidade das casas que habitamos. Em *L’image et le monde* o mundo é desfeito, sucumbe sob o peso do corpo de um homem velho. *Choses qui me rattachent aux êtres* é um arquivo das coisas que outros deixaram com Boris Lehman e que ele elenca, e usa, como se se preparasse para as esquecer – de uma delas ele já não se lembra mesmo a quem pertence (uma venda, com que tapa os olhos). No fim aparece nu, e veste, despe, e volta a vestir peças de roupa amontadas em cima de uma cama – “sou a soma de tudo o que recebi dos outros”, diz antes de acabar o filme. Em *L’homme de terre* Paulus Brun sova o barro para tirar dele a forma de Boris Lehman que no fim aparece aos bocados, a ser consumida pelo fogo (depois de ter sido derretida pela água). Todos os filmes abordam a perecibilidade da matéria que habitamos – o corpo, o mundo, as casas – e apontam para a ligação indelével entre o gesto de dar ou retirar forma do caos de uma massa informe e o gesto de destruir.

Ao ser feito num só *take*, o cinema de Boris Lehman instala-se no presente. E é no presente que se instalam todos estes filmes (excepto o último). Mas há ao mesmo tempo um gesto arquivístico em curso em todos eles (aí também com o último). Ao longo da sua vida, Boris Lehman vai colecionando coisas: objectos, pedaços de si e do seu corpo, imagens. É um colecionador do presente, um “arqueologista do futuro”, como diz num texto sobre *L’homme de terre*. Os seus filmes, e de um modo particular estes filmes, são peças dessa colecção. Escreve ele: “Sou um arquivista de mim próprio. Sou um colecionador de imagens. É esse o papel do cineasta”. E sobre os seus filmes diz: “São colecções”. Apesar de todos os filmes se situarem num presente absoluto – são do tamanho dos gestos – há um impulso arquivístico muito forte em todos eles, que é tornado directo e literal em *Choses qui me rattachent aux êtres*. É como se o arquivo, que só pode existir depois da morte das coisas, fosse posto a conviver com o vivo – em *L’homme de terre* a estátua (que estamos sempre à espera que se comece a mexer) é colocada num relvado, e há pessoas que a vandalizam, que namoram e dançam à volta dela, e há até um bebé que lhe tenta comer o nariz. Movidos por esse gesto de arquivo, que aponta também para a aleatoriedade do que há de restar de nós, todos estes filmes se instalam num limbo entre o vivo e o morto, entre a vida e a morte.

“A questão central nos meus filmes é: o que fazer com as cinzas daquilo que é consumido pelo fogo, como é que podemos assegurar que não se perdem, como é que as podemos transmitir?”. Entre a forma, o fogo que a consome, as cinzas que restam dela, as imagens fixam ao mesmo tempo que assistem ao seu próprio desaparecimento, num movimento paradoxal que atravessa todo o cinema de Boris Lehman.

Inês Sapeta Dias